27/05/2019

# Reflexões sobre Educação Popular

## Gideon Borges dos Santos

[Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana. Pesquisador do Cesteh/ENSP/Fiocruz]

O principal desafio da escola pública contemporânea, especialmente aquela que se dedica à formação dos mais pobres, tomando como exemplo o caso brasileiro, é garantir aos alunos êxito de aprendizagem, especialmente, se forem consideradas as estatísticas dos exames nacionais e internacionais que avaliam desempenho escolar.

Se a análise da questão relaciona-se diretamente com fatores de ordem social, econômica e cultural, sobram críticas de educadores, intelectuais e movimentos sociais que acusam a instituição formadora de monopolizar um determinado saber que nada diz sobre a identidade das populações economicamente minoritárias. A seriedade destas críticas consiste no fato de historicamente a escola privilegiar determinados conhecimentos científicos e artísticos, pertencentes à denominada "cultura burguesa", excluindo do mapa curricular saberes produzidos por trabalhadores, classes populares, populações indígenas, negras e demais grupos minoritários que, vendo seus valores desprezados pela educação, passam a se identificar com uma classe que não é exatamente a qual pertencem ou, de forma mais radical, não se identificam definitivamente com a cultura escolar.

As consequências refletem os altos índices de reprovação e abandono escolar das últimas décadas e, mais recentemente, os baixos níveis de aprendizagem. Quanto à educação de adultos, dois princípios são considerados pelas teorias educacionais como sendo estruturantes para a organização curricular: os conteúdos selecionados devem potencializar a produção de sentidos e os métodos comprometerem-se com a aprendizagem dos alunos, considerando as suas expectativas e fases da vida. A favor dessa perspectiva, a educação popular ganha notoriedade nas práticas educacionais em todo o país.

Especificamente falando da construção de conteúdos significativos para alfabetização de adultos, a escolha pelo universo linguístico dos alunos como matéria para aprendizagem foi, ao menos na tradição freiriana, uma estratégia adotada por educadores para inserir as pessoas no mundo letrado. E no que se refere à singularidade dos saberes, sobre a qual a escola também foi alvo de críticas, a ampliação dos conteúdos da formação, para além dos conhecimentos científicos e artísticos canonizados pela tradição moderna, foi uma experiência bastante interessante. Pois a educação escolar, independentemente da oralidade sobre a qual pesa o conhecimento popular e que garante a transmissão dos saberes no ir e vir da gerações, legitima a identidade de um povo para além dos seus espaços de convívio e faz com que essa identidade sirva também de afirmação do indivíduo frente à cultura a qual pertence.

Além disso, conteúdos intrínsecos ao cotidiano produzem sentidos mais imediatos, implicando o método de ensino com o universo cultural dos alunos. Isso contudo, em nada significa ruptura completa com a cultura escolar canônica, muito menos autorização sem resíduos para a inserção na prática educativa de qualquer tipo de saber pertencente a um grupo pelo qual determinados indivíduos se identificam.

Três exemplos serão abordados: a cultura do machismo que é, de certa maneira, legitimada e reproduzida pela sociedade, orientando diversas práticas sociais contra a mulher, inclusive aquela mais radical e obviamente condenadas por todos nós, como o feminicídio; a cultura da violência, que define comportamentos em muitas favelas do Rio de Janeiro e leva famílias a perderem rapidamente seus filhos e filhas para as drogas, ao mesmo tempo em que as obriga a deixar o território em que vivem, por oferecerem algum tipo de resistência a práticas criminalizadas; a cultura incivilizada de pessoas no cotidiano que desrespeitam as mais diversas formas de código social para tirar vantagem de alguma situação.

Tratam-se de representações que devem ser combatidas.

O interessante aqui é dimensionar em que medida os discursos de valorização do saber do outro, sem um rigoroso comprometimento ético para dimensionar os limites dessa valorização, tornam-se mote para criar situações nas quais tudo é válido, tudo é permitido e, dessa maneira romper com um princípio lógico que diz "se tudo é válido, nada é válido".

Nesse caso, o assunto é portanto uma questão de julgamento e de quem estiver melhor preparado para fazê-lo.

Por outro lado, apesar da chamada "cultura burguesa" responder por determinados valores desta classe, na medida em que confirma um modo próprio de existência social, não se pode esquecer que a sociedade cria ciências e artes que devem estar disponíveis para todos, independentemente da classe para a qual esses saberes foram destinados, na medida em que eles contribuem para refinar o espírito humano.

É claro que a distribuição desigual da cultura é um problema menor frente à ideologia que classifica a cultura popular como sendo de menor valia, pois se esta tivesse o *status* que aquela obteve na sociedade, ao longo dos séculos, certamente dispensaria a necessidade de qualquer crítica.

Contudo, lembrando o adágio popular de que não se joga fora o bebê junto com a água do banho, é preciso saber, numa espécie de movimento antropofágico, o que da "cultura burguesa" interessa para alimentar o espírito da cultura popular.

Desse ponto de vista, a importância da educação popular, enquanto prática e discurso de resistências, reside no fato de não apenas ampliar as fronteiras que legitimam os saberes de determinados grupos sociais, tornando-os material para formação de adultos; significa também reflexão sobre outras formas de expressão cultural, criações humanas que expressam determinada visão de mundo sobre qual nenhum indivíduo pode deixar de conhecer. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*